

**AS POSSIBILIDADES DE UM PROJETO ARQUEOLÓGICO EM
UMA FACULDADE DE EDUCAÇÃO**
THE POSSIBILITIES OF AN ARCHAEOLOGICAL PROJECT ON A
COLLEGE OF EDUCATION

Solange Nunes de Oliveira Schiavetto
Alegna Calácio Guimarães
Iara Cristina Silvino Moras
Luciana Garcia dos Reis

Vol. XII | n°23 | 2015 | ISSN 2316 8412



As possibilidades de um projeto arqueológico em uma Faculdade de Educação

Solange Nunes de Oliveira Schiavetto¹

Alegna Calácio Guimarães²

Iara Cristina Silvino Moras³

Luciana Garcia dos Reis⁴

Resumo: O trabalho tem como intuito apresentar o desenvolvimento do projeto “Arqueologia e Educação: possibilidades de estudo sobre o passado da região de Poços de Caldas”, atualmente focado em ações educativas. Apresenta ações educativas realizadas pelo projeto com alunos do ensino fundamental II (6º ao 9º anos) de uma escola pública de Poços de Caldas. Demonstra os resultados parciais obtidos de uma sondagem realizada por meio da aplicação de um questionário voltado aos alunos. O objetivo foi aferir o que os alunos pensam e sabem sobre Arqueologia, sua importância, e se é possível realizá-la em Poços de Caldas e região.

Palavras-chave: Patrimônio arqueológico, Educação Patrimonial, Identidades do passado.

Abstract: The work has as purpose to present the current development of “Archaeology and Education: possibilities for studying the past of the region of Poços de Caldas project”, currently focused on educational actions. Presents educational activities realized by the project with students of the elementary school II (6th to 9th grade) in a public school located in Poços de Caldas. Shows the partial results of a survey answered by the targeted students. The objective was to measure what students think and know about Archeology, its importance, and the possibility to bring it to Poços de Caldas and region.

Keywords: Archaeological Patrimony, Patrimony Education, Identities of the past.

O PROJETO ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO

As relações entre Arqueologia e Educação têm sido base de nossas discussões desde que se iniciou o projeto “Arqueologia e Educação: possibilidades de estudos sobre o passado da região de Poços de Caldas”, em 2008. As ações do projeto já tiveram várias faces. No seu início, o foco das pesquisas recaiu sobre a história oficial da área da pesquisa. O intuito era compreender os discursos oficiais sobre a formação cultural de Poços de Caldas e adjacências e compreender qual é o lugar da cultura indígena em tal formação. Passamos, posteriormente (2009 e 2010), pela necessidade de

¹ Pós-doutoranda no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP), Brasil; Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico no Pós-Doutorado Júnior (CNPq-PDJ), Brasil; Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Brasil; Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação, Brasil.

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Brasil; Bolsista de Iniciação Científica do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq), Brasil. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação, Brasil.

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Brasil; Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapamig), Brasil. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação, Brasil.

discussões sobre a especificidade da abordagem arqueológica, suas teorias e seus métodos. Em 2012 o projeto retomou suas atividades mais voltadas para enfoques educacionais. Inserido no contexto da Arqueologia Pública iniciou discussões com a equipe sobre as possibilidades de interação entre profissionais da Arqueologia e da Educação. Estes últimos, no caso específico do projeto, são alunos e alunas do curso de Pedagogia. Os trabalhos com eles têm auxiliado o projeto no sentido de torná-lo mais próximo da realidade educacional, das necessidades dos professores que abordam cultura e identidade indígena, e dos anseios dos próprios alunos cujas escolas são abrangidas pelo projeto.

No caso destes alunos, muito do que expressam sobre suas próprias vidas está relacionado à maneira que são reproduzidas, seja na mídia ou no espaço escolar, ideias sobre as identidades (locais regionais ou nacionais). Ao acreditarmos que a Arqueologia pode trazer novos elementos para repensar ideias essencializadoras de culturas, buscamos em nossas atividades, dentro da universidade e das escolas, promover discussões que possibilitem a compreensão de que o olhar para o passado não é neutro, além de propiciar conhecimento contextualizado sobre os povos indígenas da região, pouco abordados na educação escolar.

Durante esses anos de pesquisa temos focado na formação de professores/educadores do curso de Pedagogia. Nossa intenção é promover debates sobre a construção das identidades, sugerindo as pesquisas arqueológicas como fontes importantes para ampliar os discursos sobre as identidades regionais/locais. De forma mais específica, temos buscado interagir com a educação na formação de educadores/pesquisadores, por meio da inclusão de alunos interessados nas temáticas antropológicas e arqueológicas no projeto de pesquisa como bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Científica Jr (alunos do ensino fundamental II e Médio). Os resultados parciais deste trabalho são demonstrados aqui na apresentação das ações educativas desenvolvidas no espaço escolar.

PARA INICIAR A CONVERSA SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DA REGIÃO DE POÇOS DE CALDAS

As atividades educativas do projeto começaram a ser lançadas para fora da universidade de forma mais intensiva a partir de 2012. O projeto centrou foco na formação interna (dentro da Faculdade de Educação) de um corpus bibliográfico, buscando alunos interessados em participar de suas atividades, discutindo a história oficial de Poços de Caldas e região e as delimitações teórico-metodológicas da Arqueologia.

As atividades do projeto durante o ano de 2012 voltaram-se principalmente para as etapas do trabalho de campo. Em artigo de 2013 são relatadas as etapas do trabalho de campo que resultaram na descoberta de um sítio arqueológico no município de Caldas. Segundo Schiavetto, Gilaverte e Andrade (2013) o levantamento arqueológico considerou as fontes orais, informações sobre os municípios e caminhamentos em áreas selecionadas através das cartas topográficas do IBGE, escala 1:50.000, de Caldas e Botelhos, municípios vizinhos a Poços de Caldas. Para os autores ficou evidente a necessidade de se fazer estudos sobre Arqueologia da região e sobre a história local para que seja possível realizar uma discussão sobre a herança indígena e africana em uma reconstrução discursiva multicultural. Neste contexto, os trabalhos com a história oral e as realidades locais foram muito importantes para o desenvolvimento e continuidade do trabalho arqueológico. Como defende Zorzi *et al.* (2011, p. 22) é indispensável que os projetos de educação patrimonial sejam “precedidos de mecanismos de escuta, em que se possa diagnosticar a percepção que as comunidades-alvo possuem do que seja conceitualmente patrimônio e do que seja o seu patrimônio”.

Em 2012 também foram realizadas ações educativas em parceria com a Fundação Araporã/Araraquara. Foram escolhidas duas escolas públicas de Poços de Caldas com a finalidade de divulgar os trabalhos realizados pelo projeto e principalmente aproximar os alunos de reflexões acerca da Arqueologia e de suas contribuições para uma melhor compreensão das identidades locais e suas histórias.

O desenvolvimento de propostas educativas buscou proporcionar uma sensibilização, entendimento e identificação com o patrimônio material. Como argumenta Paiva (2008, p. 8) “é preciso atuar em Educação Patrimonial para evidenciar o significado de nossos bens culturais”.

Para a preservação sustentável dos bens culturais é necessário o conhecimento crítico e a apropriação consciente. Ou seja, a Educação Patrimonial é o instrumento que possibilita o reconhecimento e compreensão de cada indivíduo e da comunidade em relação ao mundo que os rodeia, despertando os sentimentos de identidade e cidadania, levando-os à valorização da cultura.

Todo indivíduo é herdeiro de uma coletividade, de uma cultura, e traz em si traços coletivos e culturais que vão determinar em grande parte o seu desempenho na sociedade [...]. Reconhecer o passado cultural de que somos herdeiros dá-nos a garantia do equilíbrio de nossa identidade cultural, possibilitando-nos os meios de um bom relacionamento com o nosso presente e uma melhor perspectiva do nosso futuro (HORTA *apud* BARRETO *et al.*, 2008, p. 17).

As ações educativas são desenvolvidas de acordo com uma releitura dos materiais sugeridos pelos manuais, pois acreditamos que é necessário fazer adequações de acordo com cada contexto e público. Assim, sempre procuramos fazer um diagnóstico do público alvo além do planejamento das ações.

Nossa proposta educativa vai ao encontro do que defende Grunberg (2007) de que é necessário trabalhar a Educação Patrimonial de modo que se desenvolva a percepção e o espírito crítico, possibilitando o contato direto e algumas experiências com as manifestações culturais. Para isso a autora expõe quatro etapas. A primeira é a observação, quando o público alvo da Educação Patrimonial terá o contato com o bem cultural ou o tema abordado, através de exercícios de percepção sensorial, perguntas, experimentações e jogos. A segunda é o registro, por meio de fotografias, descrições, gráficos, fotografias, mapas, maquetes, fixando o conhecimento adquirido através da observação. A terceira etapa é a exploração, quando o bem cultural será analisado com discussões, questionamentos, avaliações e pesquisas, desenvolvendo a capacidade de análise crítica, interpretando as evidências e os significados. A quarta e última etapa é a apropriação através da recriação do bem cultural (releitura, dramatização, interpretação por diferentes meios de expressão) provocando uma atuação criativa e valorizando o bem trabalhado.

Nas ações educativas optamos por trabalhar com oficinas que buscassem a valorização do Patrimônio Histórico Cultural e Arqueológico regional. A escolha por utilizar de oficinas vem da concepção que temos sobre a importância de estimular de maneira lúdica e participativa a compreensão sobre o patrimônio arqueológico da região. Procuramos levar aos alunos uma releitura do passado no sentido de repensar os conceitos de cultura e patrimônio por meio da produção material.

Neste sentido, as ações educativas propostas pelo projeto se baseiam em uma proposta de trabalho como defendida por Carvalho e Menezes (2013, p. 11):

Longe de tentar disciplinar os estudantes acerca do que entende-se por certo ou errado procura-se levantar questões e reflexões acerca do tema e tratá-los de forma crítica, buscando não educar os estudantes, no sentido amplo da palavra, mas sim possibilitar ferramentas para que eles possam olhar de forma crítica a sociedade e a cultura material que os cercam.

O QUE ALUNOS DA SEGUNDA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL PENSAM SOBRE ARQUEOLOGIA? EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE POÇOS DE CALDAS

No ano de 2013 o projeto teve seu foco voltado para a educação patrimonial por meio de ações educativas em uma escola da rede pública de Poços de Caldas. Foram realizadas discussões teóricas sobre a temática e o projeto contou com a participação de dois alunos do Ensino Fundamental, bolsistas BIC Júnior. A escolha por realizá-las em apenas uma escola e o fato desta escola ser onde ambos estudam foi influência que partiu deles. Percebemos a importância de realizar um trabalho de educação patrimonial contínuo e não apenas pontual.

Optamos por fazer um trabalho de educação patrimonial na Escola Municipal José Mamud Assan englobando todos os alunos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). As reuniões com os BIC Júnior também nos levaram a algumas reflexões e definições sobre os passos e aspectos metodológicos que norteariam nossas ações na escola. Dentre estas reflexões destacamos a importância de considerar e analisar os conhecimentos prévios que os alunos já possuíam sobre os conteúdos e, no nosso caso, sobre a Arqueologia. Como argumenta o educador Paulo Freire (2011, p. 143) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

Para este processo de ensino/aprendizagem o objetivo era despertar nos alunos a habilidade de pensar o patrimônio como parte de sua vida diária e oferecer situações de aprendizado que partam do meio em que vivem. Para isto consideramos:

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. Nesse sentido podemos falar na “necessidade do passado”, para compreendermos melhor o “presente” e projetarmos o “futuro” (HORTA, 1999, p. 03).

Assim, partir do conhecimento que os alunos possuem sobre o mundo da Arqueologia é uma proposta que promove uma maior interação dos alunos com os pesquisadores envolvidos no projeto. É também fundamental por considerar que apesar dos alunos não possuírem conhecimentos científicos sobre Arqueologia, não são uma “tábula rasa” na qual devemos despejar conceitos e ideias. Portanto, considerar as ideias prévias dos alunos é muito mais que ir em busca de uma

aprendizagem significativa. É respeitar as diversidades destes e suas múltiplas realidades. Afinal, todos nós somos seres históricos e possuímos uma trajetória constituída de experiências, conversas e leituras.

Sendo assim, escolhemos como primeiro passo de nossas ações educativas a realização de uma sondagem do 6º ao 9º ano com o objetivo de aferir o que os alunos pensam e sabem sobre Arqueologia, sua importância, e se é possível fazê-la em Poços de Caldas e região. A sondagem, ao permitir identificar a percepção geral dos alunos sobre a temática, também é muito importante por possibilitar o planejamento de atividades e intervenções posteriores. Além de propiciar uma oportunidade de conhecermos o espaço da escola, professores, funcionários da instituição e o perfil dos seus alunos.

A investigação sobre as ideias prévias dos alunos no contexto da Educação é uma tendência indicada pela Psicologia Cognitiva desde a década de 1960. David Ausubel deu início aos estudos sobre aprendizagem significativa e pontuava que somente pode-se aprender a partir daquilo que já se conhece, isto é, se o objetivo é promover uma aprendizagem significativa é preciso averiguar o conhecimento prévio e promover a aprendizagem a partir deste (AUSUBEL *et al.*, 1980). Neste sentido, Lima (2012) argumenta que a aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio. Nesta interação, o novo conhecimento adquire significados para o aprendiz e o conhecimento prévio fica mais rico, mais elaborado, em termos de significado (MOREIRA *apud* LIMA, 2012, p. 21).

A partir desta discussão a realização da sondagem contou com a apresentação do projeto como um todo e de algumas imagens ligadas à Arqueologia, como por exemplo, imagens das etapas do trabalho do arqueólogo e de alguns vestígios arqueológicos mais próximos à realidade da região. Durante esta apresentação em forma de uma conversa informal procurou-se estabelecer um diálogo com os alunos estimulando-os a falarem e exporem suas ideias e opiniões com relação às perguntas feitas e com as imagens apresentadas.

AS QUESTÕES DA SONDAÇÃO

Seguindo com as atividades após esta apresentação do projeto, cada aluno respondeu um questionário organizado pelo grupo de pesquisa. O questionário contou com quatro questões, sendo duas abertas e duas fechadas. As respostas dos alunos passaram por uma análise e foram organizadas em categorias baseadas em “Expressões-Chave” e “Ideias Centrais”.

É importante considerar também o perfil destes alunos que participaram da sondagem, sendo ao total 69 alunos. A pesquisa abrangeu alunos do 6º ao 9º ano, o que proporciona um público diverso e que acaba correspondendo à ação realizada de maneiras bem diferentes. Alguns demonstraram um grande interesse pela temática e com isso fizeram várias relações com a disciplina de história, ou com um filme, desenho e notícia já vistos. Outros, embora nunca tivessem pensado sobre o tema, ficaram surpresos e bem curiosos fazendo muitas perguntas e muitas vezes não acreditando que a Arqueologia possa ser algo próximo a eles. Houve também alunos que apesar de formularem respostas relacionadas à temática, ainda consideram a Arqueologia como algo apenas ligado ao passado e que nada tem a ver eles ou com o presente.

A primeira questão foi aberta e proposta com o intuito de saber o que os alunos pensam ser a Arqueologia. A maioria dos alunos relacionou a Arqueologia com fósseis e com o passado, outros responderam que a Arqueologia estuda coisas/objetos antigos e está relacionada à Paleontologia. Uma parcela menor respondeu que a Arqueologia estuda povos antigos, índios e homínídeos relacionando o fato com a pré-história. Com relação a esta última categoria de resposta, ela partiu de alunos do 6º ano que estudaram na disciplina de história a temática da Pré-história. É possível encontrar também de forma acentuada a relação da Arqueologia com o estudo da pré-história presente nas respostas dos alunos do 9º ano.

Ao refletir sobre as respostas desta primeira questão, tendo os fósseis e a Paleontologia muito ligados à concepção de Arqueologia, temos que considerar que a ideia que os alunos possuem sobre a Arqueologia está muito ligada ao que a mídia proporciona, resultado de uma visão idealizada, exótica e distante com relação ao trabalho do arqueólogo.

Na segunda questão, de múltipla escolha, foi perguntado aos alunos se eles já tinham ouvido falar de vestígios arqueológicos e, se sim, onde. Os alunos tinham como opção TV, escola, jornais e revistas, livros e internet. As respostas que mais apareceram foram que tinham ouvido falar na televisão e na escola. A televisão é geralmente o meio que mais influencia, já que o acesso a ela é maior e mais facilitado. Porém as influências são positivas e negativas. Muitas são as ideias e concepções apropriadas pelas pessoas através da TV sem uma análise crítica, o que leva à consolidação de imagens distorcidas e verdades únicas. A Arqueologia não fica fora deste contexto, pois é possível fazer uma relação com o fato de a maioria dos alunos ter relacionado a Arqueologia com fósseis e, ainda, que um dos principais meios de informação é a televisão. Já que esta muitas vezes apresenta a temática com o intuito de torná-la exótica e instigante, e acaba por proporcionar assim um conteúdo descontextualizado, superficial e com base em modelos importados, muitas vezes preconceituosos.

Na terceira questão, também aberta, os alunos foram instigados a escreverem o nome de alguns vestígios arqueológicos que eles conheciam. Mantendo a concepção de Arqueologia que eles tinham, que pode ser notada na primeira questão, a maioria respondeu citando fósseis. Pinturas rupestres e pedras antigas também apareceram entre as repostas. Alguns alunos citaram ponta de flechas e cerâmica.

Na última questão foi proposto aos alunos que eles assinalassem entre os itens presentes quais são estudados pelo arqueólogo. Entre os itens havia uma a) pintura rupestre, b) um celular, c) um fóssil de um dinossauro, d) uma ponta de flecha, e) fragmento de cerâmica e f) uma vitória régia. Uma parcela grande dos alunos assinalou os itens pintura rupestre, o fóssil de um dinossauro, a ponta de flecha e o vaso de cerâmica. Nesta questão, seis alunos citaram a vitória régia e cinco assinalaram o celular como objetos de estudos do arqueólogo.

E O QUE A SONDAGEM REVELOU?

A análise preliminar dos resultados identificou que muitos alunos relacionam a Arqueologia com a paleontologia argumentando que a Arqueologia estuda fósseis. Dentro desta percepção nota-se também a presença da ideia da Arqueologia como algo exótico e distante da nossa realidade. Isto ocorre, por exemplo, devido à Arqueologia ainda se restringir aos pesquisadores e também por termos nos dois principais espaços de divulgação (televisão e escola) um descompasso em relação à falta de conhecimento. Na escola, a grande maioria dos professores não possui conhecimentos sobre a temática e se apoiam apenas nos livros didáticos que em grande parte não possuem textos vinculados à Arqueologia.

Durante a realização da sondagem foi possível observar a presença de ideias romantizadas e exóticas que a grande mídia apresenta como sendo a Arqueologia e o trabalho do arqueólogo. Como defende Cury (2006, p. 34) “em síntese, não sabemos o que os brasileiros pensam sobre Arqueologia. O que sabemos (ou temos como hipóteses) é que os brasileiros recebem informações superficiais e desconexas ou descontextualizadas às vezes preconceituosas, importadas e, outras vezes, fantasiosas”. Logo, a realização desta etapa traz uma contribuição muito grande para a pesquisa e para as próximas intervenções pedagógicas.

PALESTRAS E OFICINA DE SENSIBILIZAÇÃO AO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Após a sondagem e breve análise dos resultados, foram realizadas duas palestras na Escola Municipal José Mamud Assam. As palestras foram pensadas para que ocorresse uma possível aproximação entre a Arqueologia e a realidade dos alunos e para estabelecer um diálogo que pudesse levar a uma reflexão sobre a importância de se conhecer o passado. Desta forma, o conteúdo apresentado aos alunos teve como intuito desmistificar a imagem da Arqueologia como algo exótico e que só acontece em lugares distantes. Estabeleceu-se, também, uma diferenciação entre a paleontologia e Arqueologia, já que os alunos identificaram a Arqueologia principalmente como a busca por fósseis e dinossauros.

A primeira palestra “A Arqueologia no Contexto Brasileiro” contou com a participação do Dr. Robson Antonio Rodrigues, arqueólogo, membro da Fundação Araporã. Ele apresentou aos alunos um conceito do que é Arqueologia e como ela se apresenta no nosso dia-a-dia. Foram discutidos os principais aspectos da Arqueologia e as formas de estudá-la. O palestrante mostrou a importância de se orientar através de uma abordagem interdisciplinar, pois a utilização de ciências como História, Geografia, Geologia, Antropologia, entre outras, proporciona à Arqueologia uma possibilidade de melhor interpretação das sociedades humanas. Os alunos puderam conhecer, por meio de imagens, os sítios arqueológicos brasileiros e como se forma o patrimônio arqueológico, além de uma breve definição de Arqueologia Preventiva.

A segunda palestra, “Atividades de Campo”, ministrada pelo arqueólogo Fábio Grossi, começou mostrando como muitos imaginam a atividade de campo na Arqueologia. Utilizou-se imagens com os principais personagens ligados à Arqueologia e idealizados no cinema e em desenhos. A imagem de aventura e tesouros mostrada no Indiana Jones, os objetos raros e mágicos que são disputados no desenho de Jackie Chan e a fantasia que envolve a personagem Lara Croft foram mostrados para uma proximidade do que os alunos poderiam conhecer sobre a temática arqueológica. Os alunos puderam ter uma visão geral de como ocorrem as etapas do trabalho de campo, as técnicas utilizadas em uma escavação e como os materiais arqueológicos são coletados.

O objetivo principal das palestras foi abordar a realidade da temática Arqueológica e apresentar uma ideia menos romantizada daquela que os alunos tinham sobre o tema evidenciado na sondagem. Outro aspecto que se procurou demonstrar nas palestras é que o arqueólogo procura entender como era construída a cultura das populações humanas e que através dos objetos podemos compreender como nossos antepassados viviam. Os alunos puderam estabelecer uma ligação entre o estudo arqueológico e a vida de suas famílias, fazendo com que tudo que foi dito na

palestra trouxesse significância para eles, trouxesse a possibilidade de pensar sua própria história e de fazer a Arqueologia do seu espaço.

Através destes diálogos, acreditamos que os alunos conseguiram refletir sobre a importância da Arqueologia e da necessidade de conhecermos os que vieram antes de nós. Este pensamento será um ponto que ajudará na preservação do patrimônio arqueológico e que mostrará que é possível um desenvolvimento de atividades arqueológicas na região de Poços de Caldas.

Para dar continuidade às atividades julgamos interessante inserir no roteiro uma oficina. Oficinas compõem as propostas de educação patrimonial elaboradas pela equipe da Fundação Araporã (RODRIGUES, NISHIKAWA, 2013). A oficina escolhida, ministrada pela Profa. Dra. Dulcelaine Lopes Nishikawa, socióloga e educadora, foi a “Arqueólogo por um dia”. Nesta atividade os alunos colocaram em prática parte dos conhecimentos adquiridos nas palestras e puderam refletir sobre o passado da cidade em que vivem. Através da apresentação de uma foto de um local conhecido da cidade, foram questionados sobre o que conheciam sobre sua cidade e a importância de saber suas origens. Vale lembrar que Poços de Caldas é uma cidade turística e preserva o patrimônio cultural riquíssimo. Infelizmente, na maioria das vezes tal patrimônio não é encarado pela população como fazendo parte de sua história. Ainda, a região não foi sistematicamente estudada, do ponto de vista da Arqueologia, para que os seus vestígios sejam da mesma forma preservados e inseridos no discurso patrimonial.

Após breve reflexão, eles receberam fragmentos de vestígios arqueológicos produzidos em laboratório pelos alunos e pesquisadores da Fundação Araporã e pedaços de porcelana. Com os objetos em mãos, foram incentivados a refletir qual a origem do objeto. Os alunos analisaram cada detalhe e responderam um questionário que incluía perguntas sobre os aspectos físicos, função, forma, valor e dimensões. Nos aspectos físicos era preciso analisar a cor, o que parecia ser o objeto e se ele estava completo, o tipo de material e se o produto era industrializado. A forma era analisada através das perguntas: a peça tinha algum desenho ou era decorada, a forma indicava a função e o que a forma e a decoração indicavam. Era necessária também a reflexão sobre o valor que o vestígio tinha para o aluno e qual valor tinha para um museu. Com a realização desta análise cada grupo fez um desenho do material e um desenho sobre o que imaginavam ser a peça inteira. Cada grupo fez uma apresentação do que entendeu sobre o passado e utilização da peça que receberam.

Nesta última etapa, procuramos estabelecer a importância da divulgação do trabalho arqueológico para a população em geral. Acreditamos que com esta oficina os alunos puderam ter a experiência de descobrir como os vestígios arqueológicos devem ser tratados e analisados. Além de conseguirem estabelecer uma possível visão de cenários e formas de sociedade que a ocupação humana produziu ao longo dos anos. Outro ponto importante foi demonstrar que os vestígios

arqueológicos poderiam ter sido utilizados por pessoas e sociedades próximas a sua realidade. Os alunos desenvolveram um empolgante trabalho junto aos pesquisadores e mostraram interesse em uma continuidade dos estudos e ações educativas.

Acreditamos que estas ações educativas são os primeiros passos para construirmos com os alunos uma primeira visão do que é Arqueologia, qual a importância de preservarmos o passado e estabelecermos uma possível conexão entre o passado e o presente. Será possível mostrar que pesquisas arqueológicas nos ajudam a compreender melhor nossa cultura e nossa sociedade. Segundo Almeida (2003, p. 04): “É preciso que nos preocupemos em preparar as próximas gerações para que não sejam elas agentes da destruição. Além disso, as crianças, por sua vez, têm considerável influência nas atitudes dos adultos, o que torna a infância o período ideal para programas de educação em Arqueologia e a escola um espaço privilegiado para o seu desenvolvimento”. Desta forma, torna-se importante salientar que através desta aproximação os alunos serão também divulgadores da pesquisa arqueológica e em seu meio social poderão propagar a ideia da preservação patrimonial, pois reconheceram o ambiente em que vivem como parte da sua identidade e como um bem próprio. O trabalho é, no entanto, um primeiro passo, e acreditamos que ele sozinho não consiga alcançar um resultado 100% satisfatório para as discussões sobre Patrimônio arqueológico de Poços de Caldas e região. As próximas etapas da pesquisa preveem continuidade e aprofundamento das questões patrimoniais na escola já abrangida e em outras escolas de Poços de Caldas e região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. *Psicologia Educacional*. Tradução de Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- ALMEIDA, M. B. de. Muito prazer, eu sou um arqueólogo (a): a importância da apresentação da arqueologia para o público. *XII Congresso da Sociedade Brasileira de Arqueologia*. São Paulo: setembro/2003. CD-ROM.
- BARRETO, E. A. et al. *Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados*. Goiânia, 2008.
- CARVALHO, A.; MENEZES, V. *Práticas em Arqueologia Pública: considerações a cerca do projeto "LAP com as Escolas"*. Anais I Semana de Arqueologia. "Arqueologia e Poder". Campinas. Disponível em: <<http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica/revista/anais/arqueologia-patrimonio-e-turismo/PDFs/arquivo11.pdf>>. Acesso em: 05/11/2013.
- CURY, M. X. Para saber o que o público pensa sobre arqueologia. *Revista de Arqueologia Pública*, São Paulo, n. 1, p. 31-48, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GRUNBERG, E. *Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.
- HORTA, M. de L. P. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999.
- LIMA, L. P. Algumas considerações sobre as ideias prévias dos alunos em relação à temática arqueológica e indígena: um estudo de caso em Londrina-PR. *Revista Arqueologia Pública*, Unicamp, n. 06, 2012.
- PAIVA, S. S. W. de. Prefácio. In: BARRETO, E. A. et al. *Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados*. Goiânia, 2008.
- RODRIGUES, R. A.; NISHIKAWA, D. L. L. *A Arqueologia vai à Escola*. Grupos de Estudos Arqueológicos GEA/CEIMAM/FUNDAÇÃO ARAPORÃ. Projeto de intervenção pedagógica. Março, 2013
- SCHIAVETTO, S. N. O.; GILAVERTTE, A. P.; ANDRADE, D. S. Projeto Arqueologia e Educação: um olhar para o passado da região de Poços de Caldas. *Revista Arqueologia Pública*, Unicamp, n. 07, 2013.
- ZORZI, M.; VERGARA, F.; MACIEL, L. L.; SCHWANZ, J. K. Considerações conceituais e metodológicas sobre projetos de educação patrimonial. *Revista Arqueologia Pública*, Unicamp, n. 04, 2011.

ANEXO

QUESTIONÁRIO DA SONDAGEM APLICADO AOS ALUNOS DO 6º AO 9º ANOS.

Projeto Arqueologia e Educação

Escola Municipal José Mamud Assan

Ano:

Para você arqueologia é...

Você tem conhecimento de pesquisas arqueológicas na região de Poços de Caldas?

Você já ouviu falar de vestígios arqueológicos no Brasil? Se sim, onde:

- () TV () Jornais e Revistas
() Livros () Escola
() Internet () Outros Quais? _____

Escreva o nome de alguns objetos arqueológicos que você conhece.

Assinale quais destas imagens podem ser estudadas pelo arqueólogo:



()



()



()



()



()



()



Figura 01: Imagem acima mostra a realização da sondagem para definirmos as diretrizes das ações educativas. Foto: Iara Moras.

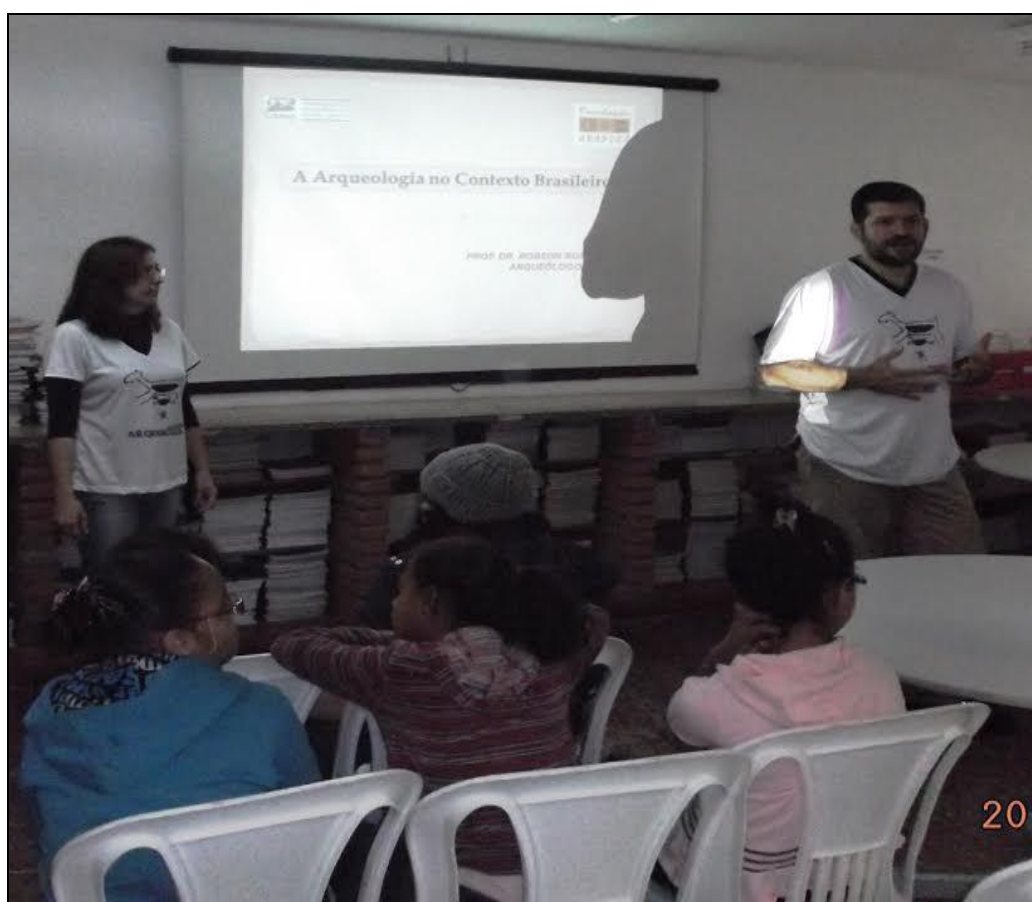


Figura 02: Palestra realizada por arqueólogos da equipe. Foto: Iara Moras.

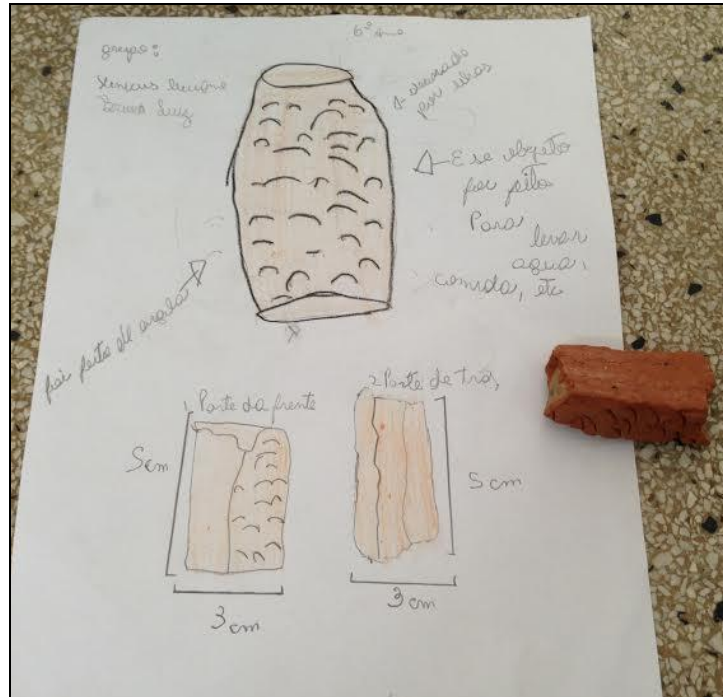


Figura 03: Desenhos feitos pelos alunos que participaram da oficina Arqueólogo por um dia. Foto: Luciana Reis



Figura 04: Desenho feito pelos alunos que participaram da oficina Arqueólogo por um dia. Foto: Luciana Reis.